

# MAFOMA OU FANATISMO

Voltaire



Edição: Centro de Estudos de Comunicação e Cultura  
Transcrição e Introdução de Isabel Pinto  
Data: Novembro 2014  
ISBN: 978-989-98248-4-3

Centro de Estudos de Comunicação e Cultura  
Faculdade de Ciências Humanas – UCP  
Palma de Cima, 1649-023 Lisboa  
<http://cecc.fch.lisboa.ucp.pt/en/>

Voltaire (pseud. François Marie Arouet), *Nova Tragédia intitulada Mafoma ou Fanatismo*, cópia de António José de Oliveira, 1795 [BNP, COD. 1388//2].

Disponível, através do Catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal, em <http://purl.pt/16461/3/#/0>.

#### **SOBRE O TEXTO:**

Trata-se de uma tradução da tragédia de Voltaire *Le Fanatisme ou Mahomet le Prophète*, a qual foi publicada pela primeira vez em 1742, em Bruxelas. Esta tradução, cópia autógrafa de António José de Oliveira, copista profissional, data de 1795, mas remonta a um impresso de 1775, a que o copista faz referência na folha de rosto do manuscrito e do qual, até ao presente, não se conhece nenhum exemplar. É em verso e reclama considerável respeito formal pelo original, dado que segue com escrupulo a respectiva distribuição de versos por fala. Contudo, ao nível das escolhas lexicais, observa-se maior margem de liberdade, com o tradutor português, ainda desconhecido, a parafrasear determinadas passagens e/ou a acrescentar termos da sua lavra para reforçar o sentido original. Nesta tragédia discorre-se sobre as consequências do fanatismo e de professar uma falsa religião. É, ofuscado pelo obscurantismo de uma crença desmesurada e cega, sob o directo comando de Mafoma, que Zaide comete parricídio sobre Zopiro, vindo ele próprio a morrer envenenado, e que Palmira, irmã de Zaide e filha de Zopiro, se suicida. Em suma, em termos de leitmotiv, é a uma fé tão falsa quanto nociva que cabe a destruição de uma família. De acordo com documentação do Fundo da Real Mesa Censória (Caixa 9, n.º 14; Caixa 324, n.º 2292 (9), etc.), no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, esta tragédia terá sido recorrentemente representada em Portugal na segunda metade do século XVIII.

**VOLTAIRE**  
**(PSEUD. DE FRANÇOIS MARIE AROUET)**  
**NOVA TRAGÉDIA INTITULADA**  
***MAFOMA OU FANATISMO***  
**(1775/1795)**

**NOVA TRAGÉDIA INTITULADA**

***MAFOMA OU FANATISMO***

**PESSOAS:**

**MAFOMA**, *impostor e falso profeta;*

**ZOPIRO**, *xarife de Meca;*

**OMAR**, *general de Mafoma;*

**ZAIDE**, *escravo de Mafoma;*

**PALMIRA**, *escrava de Mafoma;*

**FANOR**, *senador de Meca;*

**ALI**, *sócio de Mafoma }*

**ERCIDA**, *sócio de Mafoma }* não falam

**AMON**, *sócio de Mafoma }*

SOLDADOS e POVO.

*A cena se representa no átrio e templo de Meca.*

I. 1775

C. 1795

## ACTO 1.º [1]

### ZOPIRO e FANOR.

**ZOPIRO:** E eu hei-de adorar prodígios falsos  
e incensar os altares da impostura?

Um fanático, um monstro, e dentro em Meca!

Eu adorá-lo depois de o haver banido?!

Ah, não! A justa cólera dos deuses

sinta Zopiro, se tu vires um dia

esta mão, até agora, livre e pura

fomentar sedições.

**FANOR:** Nós em ti vemos

o zelo paternal de chefe augusto

da gente de Ismael, mas este zelo

é funesto, senhor, e a resistência

acende mais as iras de Mafoma.

Contra o seu atentado, erguer, com tempo,

o ferro vingador das leis podias,

e apagar os princípios de um incêndio,

que havia de abrasar o mundo em guerra.

Mafoma, cidadão, nos nossos olhos,

foi um escuro, um vil sedicioso,

mas hoje é um herói, triunfa e manda;

é na Meca impostor, rei em Medina,

já por trinta nações são adorados

os delitos que nós abominamos.

Que digo?! Quanta gente nestes muros [1v]

se deixa arrebatado de um falso zelo,

e crendo na ilusão dos seus milagres,  
propaga a sedição e o fanatismo,  
e abre as portas à sua gente, e julga  
que um deus terrível o conduz e inspira.  
Os nossos cidadãos, sim, te obedecem,  
mas o povo segue sempre o bom conselho,  
o amor da novidade, o falso zelo.

Tem consternado a aflita Meca o povo  
de quem tu és o protector. Recorre  
a ti, «seu pai» te chama, e a paz te pede.

**ZOPIRO:** A paz com um traidor? Ah, povo fraco,  
espera o mais horrível cativo;  
leva em pompa o teu ídolo adorado,  
cujo peso nos há-de oprimir todos.

Quanto a mim, o abomino eternamente,  
ele feriu-me no mais vivo da alma,  
e tem justas razões de aborrecer-me:  
matou-me a cara esposa e os ternos filhos;  
e eu de estrago e de horror cobri seu campo:  
a seu filho deu morte este meu braço.  
Os ódios que entre nós reinam, o tempo  
não os pode apagar.

**FANOR:** Não os apagues,  
mas esconde-lhe a chama, sacrifica  
ao bem público as mágoas do teu peito.  
com ver esses lugares destruídos; [2]  
teus filhos ficarão mais bem vingados.  
Tudo perdestes: o irmão, a esposa, os filhos;  
não percas os estados.

**ZOPIRO:** Os estados perdem-se por temor.

**FANOR:** Também se perdem  
por passar os limites da constância.

**ZOPIRO:** Se havemos de morrer, Fanor, morramos.

**FANOR:** Ah, que o valor funesto que te inspira  
te leva a naufragar vizinho ao porto!

Mas a esse tirano, o céu piedoso,  
te deixa 'inda um caminho de abrandá-lo:  
sim, Palmira, educada no seu campo,  
que tu mesmo fizeste prisioneira,  
é um anjo de paz, dos céus descido,  
que as iras de Mafoma abrandar pode;  
ele já a pediu por um trombeta.

**ZOPIRO:** Tu queres que eu a um bárbaro consinta  
que aquele preciosíssimo tesouro  
suas mãos criminosas enriqueçam?

Porque ele vem movendo a guerra injusta,  
pondo grilhões e destruindo os povos,  
também devem frustrar-se-lhe os agrados.

E ser prémio dos crimes a beleza!

Não, que a Mafoma já no fim da vida  
tenha meu peito vergonhosa inveja;  
um triste coração gelado e frio  
sentir não pode abrasador desejo. [2v]

Mas porque em toda vida de objecto amável  
nos força ao doce e voluntário culto,  
ou por querer, privado dos meus filhos,  
dissipar esta noite que me cerca,  
não sei que inclinação faz que Palmira

encha o vão tenebroso da minha alma.  
Será fraqueza, eu sem horror não posso  
vê-la nas mãos de um monstro, mestre do erro.  
Quisera que ela, dócil, aos meus votos,  
amasse por si mesma o seu asilo,  
e que o seu coração agradecido  
detestasse o impostor, como eu detesto.  
Debaixo destes pórticos sagrados,  
me quer falar, junto do altar dos deuses.  
Lá vem, e no seu cândido semblante  
mostra as virtudes que seu peito encerra. (Vai-se Fanor.)

**Sai PALMIRA.**

**ZOPIRO:** Amável estrangeira, cuja sorte  
honrou minha velhice, e a nossa terra.  
Não, em bárbaras mãos tu não caístes!  
Todos em ti respeitam a desgraça,  
a amável inocência, o rosto e os anos.  
Fala, se alguma coisa eu posso ainda,  
se chego a completar os teus desejos,  
últimos dias meus, sereis ditosos.

**PALMIRA:** Senhor, dois meses há sou prisioneira,  
e devo perdoar a minha sorte. [3]  
Vossa mão generosa enxuga o pranto  
a que a minha desgraça me condena.  
Dos vossos benefícios animada,  
atrevo-me a esperar ser venturosa.  
Aos votos de Mafoma uno os meus votos;

pedia-vos que quebrásseis os meus ferros.

Ah, ouvi, senhor, possa eu dizer-lhe  
tudo, depois de vós, devo a Zopiro.

**ZOPIRO:** Ainda tens saudades dos teus ferros,  
do tumulto do campo dos desertos,  
da perturbada pátria sempre errante.

**PALMIRA:** A pátria é onde a alma vive presa.  
Ele foi quem formou meus sentimentos.  
Passei num templo em paz meus ternos anos.

As mulheres ali ao céu levantam,  
mais que de seu senhor são adoradas.  
Que desgraçado foi aquele dia  
em que a guerra turbou o meu sossego.

Mova-vos a piedade uma alma aflita  
que vive... no tomento... da saudade.

**ZOPIRO:** Entendo: tu esperas algum dia  
o amor e a mão do teu senhor soberbo!

**PALMIRA:** Os meus tímidos olhos não veem nele  
mais do que um deus terrível que me assombra;  
a tão alto himeneu não, não aspiro,  
não convém a um senhor tanta baixeza.

**ZOPIRO:** Ah, quem quer que tu sejas de um tirano, [3v]  
para esposa ou escrava não nasceste;  
sim para governar o árabe injusto,  
que ser igual aos príncipes afecta.

**PALMIRA:** O nascimento a nós não nos distingue:  
sem pais, sem pátria, escravos desde o berço,  
amamos como iguais os nossos ferros.  
Eu sirvo um deus, e tudo o mais me é estranho.

**ZOPIRO:** Esse estado é possível vos agrada?

Vós tendes um senhor e pais não tendes?

No meu triste palácio, só, sem filhos,  
fundar podia em ti minha esperança,  
e o gosto de fazer-te venturosa,  
faria mais suave o meu destino,  
mas tu detestas minha lei e pátria.

**PALMIRA:** Como posso eu ser vossa? Eu não sou minha. (Chora.)

Vede o meu sentimento e a minha mágoa.

Porém, servia-me, enfim, de pai Mafoma.

**ZOPIRO:** De pai? Oh, céus! Um impostor? Um monstro?

**PALMIRA:** Que nomes lhe dais vós, senhor, a um homem  
que as nações reconhecem por profeta,  
intérprete do céu, que o céu nos manda!

**ZOPIRO:** Que cegueira dos míseros humanos!

Todos me deixam por erguer altares  
a um criminoso a quem salvei a vida,  
que fez caminho do suplício ao trono.

**PALMIRA:** Vós fazeis-me tremer, nunca em meus dias  
ouvi essas palavras horrorosas. [4]

A minha inclinação, meu génio grato,  
vos faziam senhor dos meus sentidos.  
Contra o meu protector, vossas blasfémias  
trocam em negro horror o meu afecto.

**ZOPIRO:** Cruel superstição! Teu rigor priva  
de humanidade os mais sensíveis peitos.

Dos teus erros, Palmira, eu te condoe,  
e, a meu pesar, mil lágrimas derramo.

**PALMIRA:** E vós negais-me...

**ZOPIRO:** Sim, dar-te não posso  
a quem soube enganar essa inocência.  
Vejo em ti um depósito adorável  
que me faz detestar mais a Mafoma.

**Sai FANOR.**

**ZOPIRO:** Fanor, que quereis?

**FANOR:** Da cidade, as portas  
que o fértil campo de Moabe descobrem  
chegou Omar.

**ZOPIRO:** Quem? Esse Omar famoso  
que agora segue o carro do triunfo?  
Que combateu contra o senhor que adora  
pela pátria?

**FANOR:** Talvez que a ame ainda,  
menos terrível mostra aos nossos olhos:  
nas mãos a espada e um ramo de oliveira  
dá o sinal de paz a nossos chefes.

Falam-lhe os nossos, e um penhor recebe. [4v]

Só o mancebo Zaide entrou com ele.

**PALMIRA:** Oh, ceús, hora feliz! Que dizes? Zaide?

**FANOR:** Omar chega, e a teus olhos se encaminha.

**ZOPIRO:** Palmira adeus, é necessário ouvi-lo. (Vai-se Palmira.)

E que se atreverá ele a dizer-me?

Dizes da minha pátria, há três mil anos  
que de Ismael vós protegeis os filhos;  
sol que giras o céu, sagradas chamas,  
de Deus imagens que nos dais as luzes,

vede e sustende em mim a alta firmeza  
que eu sempre opus ao esforço da maldade.

### **Sai OMAR e acompanhamento.**

**ZOPIRO:** Enfim, tornas a ver a tua pátria,  
que defendeste e a quem traidor tu foste.  
Do teu valor se lembram estes muros.  
Desertor desta lei e destes deuses,  
perseguidor desta cidade santa,  
como te atreves hoje a profaná-la,  
ministro de um ladrão, por nós banido?  
Fala! Tu que me queres?

**OMAR:** Perdoar-te.  
A um profeta de um deus causam piedade  
tuas desgraças, teu valor, teus anos;  
oprimir-te podia e a mão te oferece.

**ZOPIRO:** Um vil sedicioso, com audácia,  
nos propõe pazes e perdão não pede.  
E sofreis que Mafoma ofereça, oh, deuses, [5]  
à sua discrição, ou paz ou guerra?  
Tu que das suas ordens te encarregas  
de servir um traidor não te envergonhas?  
Não o viste sem honra e sem fortuna  
no último lugar da humilde plebe?  
Quão longe estava, então, de tanta glória!

**OMAR:** Tua alma costumada às vis grandezas  
julga o merecimento, e os homens pesa,  
somente pelo peso da fortuna.

Não sabes, homem vil, fraco e soberbo  
que o bichinho que escondem baixas ervas  
e a águia imperial que os ventos cruza  
um nada aos olhos são do Deus eterno.

Os homens são iguais, só os distinguem  
ss virtudes e não o nascimento.

Acham-se almas, enfim, do céu bem-vistas  
que a si, não aos passados, devem tudo.

Tal é quem por senhor conheço e adoro,  
eu só a ele achei digno de selo;  
e obedecer-lhe um dia devem todos,  
e eu dou o exemplo aos séculos futuros.

**ZOPIRO:** Bem te conheço. Omar, em vão, pretendes  
fazer-me essa fanática pintura;  
em vão alucinar os outros podes,  
eu do teu povo a adoração desprezo.

Põe de parte a impostura, e, atentamente,  
examina o profeta a quem adoras. [5v]

Vê em Mafoma tão-somente o homem  
e olha por que degraus ao céu o elevas.

Enganos, ilusões deixa por ora,  
discorre um pouco, e o teu senhor julguemos:

um condutor grosseiro de camelos;  
verás que em casa da primeira esposa,  
com ridículos, vãos, fingidos sonhos,  
tenta a crédula fé de uns homens toscos;  
como sedicioso a mim trazido,  
por quarenta anciãos foi desterrado.

Ao crime examinado a pena é leve.

De gruta em gruta, foge com Fatema,  
seus discípulos erram pelos montes,  
até que chegam a infectar Medina.  
Tu mesmo, da razão seguindo o império,  
atalhar o veneno então quiseste;  
eu te vi mais feliz, mais justo e forte  
resistir ao senhor que hoje te oprime.  
Se é profeta, porque querias castigá-lo?  
Se é impostor, atreves-te a servi-lo?  
**OMAR:** Quis castigá-lo, então, eu o confesso;  
este homem grande eu não conhecia.  
Mas quando conheci que ele nascera  
para pôr a seus pés o mundo todo,  
quando vi do seu génio arrebatado  
prosseguir na vastíssima carreira,  
e, admirável, intrépido e eloquente, [6]  
perdoar como um deus ou dar castigos,  
dediquei esta vida aos seus trabalhos.  
Tronos, altares são as recompensas.  
Fui cego como tu, eu não o nego!  
Como eu, de opinião muda, Zopiro,  
e sem me exagerar mais seus furores,  
tua perseguição dura e rebelde,  
Deus blasfemado, e os irmãos que gemem;  
o herói adora, que oprimiste um dia,  
e a mão lhe beija, que despede os raios.  
Tu me vês o primeiro depois dele;  
o lugar que te fica, 'inda é tão grande  
que pode fazer nobre a obediência.

Olha o que éramos nós, olha o que somos.

O povo é feito para os homens grandes,  
para crer, admirar e obedecer-nos.

Vem reinar, se não queres ser escravo,  
entre nós repartamos as grandezas.

Faze tremer o vulgo, e não imites.

**ZOPIRO:** Só a Mafoma, a ti e aos que te seguem  
é que inspirar algum horror pretendo.

Tu queres que o xarife do senado  
incense um impostor como um rebelde?!

Ao fero sedutor que o mundo engana  
não lhe nego o valor nem a prudência,  
com virtude um herói talvez seria,  
mas este herói é um traidor, um monstro, [6v]

é o mais criminoso dos tiranos!

Cessa, deixa gerar sua clemência,  
a arte que ele tem é da vingança.

Na guerra o seu destino foi funesto,  
seu filho às minhas mãos perdeu a vida,  
a minha voz banuiu o pai; o ódio  
que eu tenho e que ele tem são inflexíveis.

Que me extermine para entrar em Meca!

Aos maus o justo perdoar não deve.

**OMAR:** Pois para te mostrar que ele perdoa,  
para fazer que o seu exemplo sigas,  
vem, reparte com ele, e às tuas gentes  
dá os despojos desses reis vencidos;  
põe preço à paz, põe a Palmira preço,  
de um tesouro dispõe.

**ZOPIRO:** Tu não me enganas.

Queres comprar a paz, vender-me a infâmia!

Berço de crimes são os teus tesouros!

Esperas que outra vez Palmira entregue?

A virtude não deve ser cativa,

quero arrancá-la ao impostor tirano,

que corrompe os costumes e as leis pisa.

**OMAR:** Tu falas sempre qual juiz severo,

que no seu tribunal julga um culpado.

Pensa como ministro, e vê que falas

com um embaixador, que um rei te envia.

**ZOPIRO:** Rei? Quem lhe deu os reinos? [7]

**OMAR:** A vitória.

Hoje, às suas conquistas e triunfos,

de pacificador ajunta o nome.

Tem o exército junto do Sabari,

da infeliz pátria te prepara o cerco.

Salvemos tanta vida e tanto sangue,

Mafoma, quer aqui ver-te e falar-te.

**ZOPIRO:** Quem? Mafoma?!

**OMAR:** Isto pede.

**ZOPIRO:** Ah, traidor, falso!

Se só eu governasse estes lugares,

fora a minha resposta o teu castigo.

**OMAR:** Essa virtude vã me faz piedade.

Mas pois que um vil senador entre vós outros

tem o frágil governo repartido,

eu vou ao corpo junto apresentar-me. (Vai-se retirando.)

**ZOPIRO:** (Para Omar, que se vai.) Eu te sigo, veremos quem mais pode.

Defendo a minha pátria, as leis e os deuses.

Vai contra a minha voz pôr-te da parte  
de um deus perseguidor da humana gente,  
que um ímpio estabelece à força de armas.

(Para Fanor) Vem ajudar-me a opor-me aos seus desígnios,  
consentir um traidor, amigo, é sê-lo.

Confundamo-lo, e demos-lhe o castigo,  
ou abramos a minha sepultura.

Se o senado me segue e se me atende, [7v]  
vou livrar de um tirano a pátria e o mundo. (Vão-se.)

## **ACTO 2.º**

### **CENA 1.ª**

#### **ZAIDE e PALMIRA.**

**PALMIRA:** Que deus a esta prisão hoje te guia?

Têm fim meus males, pois que chego a ver-te.

**ZAIDE:** Doce consolação das minhas mágoas,  
que lágrimas, que dor me tens custado,  
desde o dia que o bárbaro inimigo,  
na campanha infeliz, junto ao Sabari,  
te roubou a meus braços sanguinosos.

Lá, entre frios moribundos corpos,  
com a mal ouvida voz, na infame praia,  
chamei a morte, vagarosa e surda.

Em que abismo de horror, cara Palmira,  
tua perda e perigos me lançaram!

Ao meu ardor, à minha impaciência,  
quanto tardava o dia da vingança,

quanto apressei o deferido assalto,  
e aquela hora de horror que, envolto em sangue,  
eu devia abrasar os ímpios muros,  
em que chorou Palmira prisioneira.

Mas de Mafoma, enfim, o alto desígnio,  
que os humildes mortais nunca penetram,  
faz que Omar se introduza nestes muros. [8]

Eu corro às portas, e o penhor lhe pedem,  
eu me ofereço, aceitam-me a palavra,  
eu sou cativo, eu morra nos teus braços.

**PALMIRA:** Pouco antes que chegas aos meus olhos,  
para fazer cessar as minhas penas,  
eu me lancei aos pés do meu tirano,  
e disse-lhe: «Vós sedes no meu peito,  
minha alma vive presa no meu corpo,  
dai-me o único bem que hoje me resta».

Dizendo assim, seus pés lavou meu pranto.  
Tudo me nega e deixa-me assombrada,  
senti que me faltava a luz dos olhos,  
ficou-me o coração sem movimento,  
nem me restavam sombras de esperança,  
desfalecia quando me apareceste.

**ZAIDE:** Quem foi esse insensível ao teu pranto?

**PALMIRA:** Zopiro. Ele mostrou-se condoído,  
mas o cruel, enfim, desenganou-me  
que não há forças que os grilhões me tirem.

**ZAIDE:** Bárbaro! Pois engana-se: Mafoma  
o invencível Omar e o teu amante,  
se entre eles me nomeio, ah, tu perdoa

ao teu amante um nobre orgulho, havemos  
quebrar teus ferros e enxugar teu pranto.  
O Deus que é protector das nossas armas  
de quem eu voltear fui as bandeiras,  
o Deus que a alta Medina pôs por terra, [8v]  
porá aos nossos pés Meca abatida.  
Entrou Omar, o povo à sua vista  
não deu a conhecer o horror e o susto  
que um vencedor inspira aos inimigos.  
Alguma grande empresa se prepara.  
**PALMIRA:** Mafoma há-de quebrar nossas cadeias,  
ele unirá dois corações que o amam.  
Mas ele está tão longe, e nós em ferros.

### **Sai OMAR.**

**OMAR:** Livres haveis de ser, tende esperança,  
Mafoma a este lugar os passos guia.  
**ZAIDE:** Quem?  
**PALMIRA:** Nosso augusto pai.  
**OMAR:** Sim, no senado,  
falou a voz do céu por minha boca.  
«Este amado do céu, este homem grande  
nasceu», lhes disse então, «nos vossos muros,  
ele é senhor e defensor de tronos,  
e vós de cidadão negais-lhe a honra?  
Vem para aprisionar-vos ou prender-vos?  
Vem amparar-vos, vem instruir-vos;  
funda nos corações o seu império,

mas de um juiz se abranda as muitas vezes».

O inflexível Zopiro, que receia

da nação o poder inevitável,

quer convocar o povo, e resistir-me.

Eu chego aonde o povo era mais denso, [9]

a uns exorto, a outros intimidado,

alcanço que a Mafoma as portas se abram.

Torna, enfim, do desterro a ver a pátria,

entra de generais acompanhado,

Osman, Ercida, Amon, e outros famosos,

por vê-lo cada um se precipita.

Diversos corações, diversos rostos!

Um vê nele um herói, outro, um tirano;

aquele ‘inda blasfema e o ameaça;

este cai a seus pés e humilde o adora.

Nós retumbar fazemos entre o povo

de paz, da liberdade, os nomes santos

de Zopiro os enredos, já sem força,

em vão exalar um furor, que inspira.

Com semblante sereno, entre os aplausos,

ergue Mafoma de oliveira o ramo

e trégua publica; à vista o tendes.

### **Sai MAFOMA, ALI, ERCIDA, AMON e acompanhamento.**

**MAFOMA:** Firmíssimas colunas do meu trono,

nobre e sublime Ali, Amon, Ercida,

vivo em guerra actual e tenho domado,

com a frugalidade, a natureza.

Bani longe de mim o licor falso,  
que nutre dos homens a moleza.  
Na área abrasadora, nos desertos,  
eu sofro, como tu, do tempo a injúria,  
só o amor me consola e recompensa, [9v]  
é dos trabalhos o meu único objecto.  
O ídolo que adoro e a quem incenso  
é de Mafoma o deus paixão violenta,  
que da minha ambição iguala as fúrias.  
Eu adoro a Palmira ocultamente.  
Vê qual seria a força dos meus zelos,  
quando, aos meus pés, Palmira se declara,  
me descobre um rival, me ofende e insulta.

**OMAR:** E ‘inda te não vingaste!

**MAFOMA:** Olha se devo!

Omar, conhece-os para detestá-los,  
quero dizer-te todos os meus crimes,  
são filhos do tirano que aborreço.

**OMAR:** Quem? Zopiro?

**MAFOMA:** É seu pai o velho Ercida,  
os pôs no meu poder há já três lustros.  
Eu criei estas víboras no seio,  
que, sem se conhecerem, já me ultrajam.  
O ilegítimo fogo eu mesmo ateio,  
quero ajuntar aqui todos os crimes.  
Eu hei-de... Vem, se o pai seus olhos lançam  
incêndios de furor e raios da ira;  
observa tudo, Omar; com a sua esquadra,  
o vigilante Ercida cerque as portas.

Vem dar conta de tudo, e ver se eu devo  
apressar ou deter o último golpe. (Vai-se Omar.)

**Sai ZUPIRO.**

**ZUPIRO:** Que destino cruel, que dor profunda, [10]  
eu receber aqui este tirano!

**MAFOMA:** Já que o céu finalmente quer unir-nos,  
deixa o temor, não te envergonhes, fala.

**ZUPIRO:** Eu por ti me envergonho: os teus enganos  
vão arrastando a pátria ao precipício.

Tua mão entre nós espalha os crimes:  
faz do seio da paz nascer a guerra,  
semeia a divisão entre as famílias,  
mães, parentes, irmãos, esposos, filhos.

A trégua é para ti um novo meio  
de cravar o punhal nos nossos peitos.  
A discórdia civil segue os teus passos,  
vil composto de audácia e de impostura.

Traidor à tua pátria, desta sorte  
anuncias um deus e a paz nos trazes?!

**MAFOMA:** Se a outro, e não a ti, eu respondesse,  
o deus por mim falara, que me inspira  
na ensanguentada mão a luz e a espada;  
em silêncio poria o mundo inteiro,  
a minha voz como um trovão seria  
que os fizesse pregar o rosto em terra.

Porém, quero falar-te abertamente,  
eu para te enganar sou muito grande,

vê-me tal qual eu sou, ninguém nos ouve.  
Eu sou ambicioso, não te encubro,  
mostra-me um só dos homens que o não seja.  
Mas pontífice nunca, ou soberano  
chegou a conceber um tal projecto! [10v]  
Os povos, um por um, têm tido a fama,  
pelas leis, pelas artes, pela guerra;  
dos árabes os dias são chegados,  
que, generosos e desconhecidos,  
o seu valor sepultam nos desertos;  
os nossos dias são os da vitória.  
Do Norte ao Sul, vá destruído o mundo:  
olha, da Pérsia, o trono vacilante,  
a Índia frouxa, escrava, o Egipto fraco,  
eclipsado o esplendor de Constantino.  
Cai aos pedaços o romano império,  
do grande corpo, os membros destroncados,  
vão desmaiando sem vigor, sem vida.  
Sobre a sua ruína, a Arábia ergamos.  
Carece de outros cultos e de outros ferros,  
carece de outro deus o cego mundo.  
No Egipto Osíris, Zoroastro em Ásia,  
Numa na Itália, entre os cretenses, Minos.  
A povos sem costumes, reis sem culto  
insuficientemente legislaram.  
Estas grosseiras leis reformar venho:  
eu imponho às nações jugo mais nobre;  
abato os falsos deuses e o meu culto  
é o primeiro passo da grandeza.

Não me digas que engano a minha pátria,  
eu destruo a fraqueza e a idolatria;  
venho nas mãos de um rei, de um deus, servi-la,  
para fazê-la grande, e faço escrava?! [11]

**ZOPIRO:** Altos desígnios teus! Quer tua audácia  
dar a teu gosto nova face ao mundo!

Tu pretendes por meio dos estragos  
mandar nos que perecemos ao teu modo.

Destróis a terra e queres instruí-la.

Ah, se é certo que o mundo vive em erro,  
se a vista nos encobre a noite escura,  
com que fachos cruéis nos alumias?

Que direito tens tu de ser profeta  
e de afectar o império e o sacerdócio?

**MAFOMA:** O direito que têm as almas grandes  
sobre o grosseiro espírito do vulgo.

**ZOPIRO:** E todo o sedutor que altivo pensa  
novos grilhões há-de forjar ao mundo.

Pode enganar, se engana com grandeza!

**MAFOMA:** Sim, eu conheço o mundo, ele ama os erros.

Ou falso ou não, meu culto é necessário.

E que bens te fizeram os teus deuses?

Que louros vês crescer nos teus altares?

Tua luz baixa e vil faz vis os homens,

estúpidos e faltos de constância;

a minha eleva uma alma, e a engrandece,

esta luz faz heróis.

**ZOPIRO:** Dize assassinos.

Essas lições, escolho de tiranos,

vai luzir a Medina, onde triunfas,  
aonde os teus iguais viste abatidos. [11v]

**MAFOMA:** Iguais? Há muito tempo que os não tenho.

Vejo Meca tremer, reino em Medina.

Aceita a paz se o teu estrago temes.

**ZOPIRO:** Na cabeça tens a paz, no peito a guerra.

Pretendes enganar-me?

**MAFOMA:** Não pretendo.

Engana, o fraco, o poderoso manda.

Amanhã eu te ordeno o que hoje peço,

posso amanhã fazer-te meu escravo.

Hoje, Mafoma quer ser teu amigo.

**ZOPIRO:** Nós amigos?! Oh, céus! Que novo encanto!

Tens algum deus que faça esse prodígio?

**MAFOMA:** Um poderoso que por mim te fala.

**ZOPIRO:** Que deus é esse?

**MAFOMA:** É a necessidade

e o teu próprio interesse.

**ZOPIRO:** Ah, vil! Primeiro

o céu e a terra se verão unidos.

Tu o interesse, eu a justiça adoro.

Não há tratado entre estes inimigos.

Dize-me, qual seria o fundamento

da horrível amizade que ofereceis?

Teu filho, e o sangue que esparziu o meu braço

ou o sangue dos meus que as mãos te banha?

**MAFOMA:** São os teus filhos. Sim, ouve um mistério,

que está depositado no meu peito.

Tu os choras por mortos e eles vivem. [12]

**ZOPIRO:** Vivem? Que dizes? Oh, céus! Dia ditoso!

E tu és quem me trazes a notícia?

**MAFOMA:** Estão no meu poder. São meus escravos.

**ZOPIRO:** Os meus filhos? E abaixam-se a servir-te?

**MAFOMA:** Minhas mãos generosas os sustentam.

**ZOPIRO:** E não os entregastes ao castigo?

**MAFOMA:** Os erros de seu pai não vingam neles.

**ZOPIRO:** Fala, dize-me, enfim, que sorte é a sua.

**MAFOMA:** Eu posso dar-lhe a morte ou dar-lhe a vida.

A uma palavra tua eu tos entrego.

**ZOPIRO:** Posso salvá-los? Dize-me a que preço.

Queres meu sangue? Ou que eu arraste os ferros?

**MAFOMA:** Não, que me ajudes a vencer o mundo.

Deixa o templo e a cidade, e vai ao povo

dar de credulidade um firme exemplo;

anuncia o Alcorão à rude gente;

em público me adora por profeta.

Eu te dou o teu filho... E sou teu genro.

**ZOPIRO:** Sou pai, Mafoma, eu tenho um peito terno.

Quinze anos de aflições sem ver meus filhos...

Achá-los e morrer entre os seus braços

era o gosto maior desta alma aflita.

Mas se eu hei-de entregar a minha pátria

ou com a paternal mão passar-lhe o peito...

Conhece-me, Mafoma, eu não vacilo.

Adeus. (Vai-se.)

**MAFOMA:** Ah, cidadão inexorável! [12v]

Eu serei mais que tu cruel e duro.

## **Sai OMAR.**

**OMAR:** Se o não fores, Mafoma, estás perdido.

Eu comprei o segredo dos tiranos.

Amanhã cessa a paz, lançam-te os ferros.

Reina Zopiro, e corta-te a cabeça.

Metade do senado te condena,

temem o teu valor, e te assassinam.

À morte de um herói castigo chamam,

uma conspiração chamam justiça.

**MAFOMA:** Pois sentirão a minha, e os meus furores;

perseguições me deram a grandeza,

Zopiro morrerá.

**OMAR:** Sua cabeça

posta a teus pés dará exemplo aos outros.

Mas não percamos tempo.

**MAFOMA:** Espera... Eu devo...

Devo esconder a mão que der o golpe,

e desviar de mim toda a suspeita.

**OMAR:** O povo é desprezível.

**MAFOMA:** E, contudo,

devemos agradar-lhe. Eu quero um braço

que empregue o golpe e que me deixe o fruto.

**OMAR:** Eu para essa acção fico por Zaide. [13]

**MAFOMA:** Zaide?!

**OMAR:** É o instrumento mais seguro.

Hóspede de Zopiro, ele só pode

em segredo vingar-te. Os teus validos

são zelosos, porém são mui prudentes,

têm muita experiência para expor-se;  
estão já numa idade em que o discurso  
lhes rasga o véu da crédula ignorância.

Queremos coração feroso e cego,  
que adore a escravidão e que obedeça.  
A mocidade é da ilusão o templo,  
e de superstições Zaide está cheio.

**MAFOMA:** Quem? O irmão de Palmira?

**OMAR:** Aquele Zaide,  
filho audaz do teu pérfido inimigo,  
rival incestuoso que te ofende.

**MAFOMA:** Seu nome me horroriza, eu o detesto.

A sombra de meu filho quer vingança!  
Mas tu conheces o meu doce objecto,  
sabes o sangue que lhe anima as veias.  
Vês que neste lugar, por entre abismos,  
eu busco um trono, vítimas e altares.

Eu devo alucinar a todo um povo,  
eu devo dar a morte a um pai e a um filho.

Consultar vamos o interesse e o ódio,  
e o indigno amor, que, a meu pesar, me guia,  
minha religião que tudo pode, [13v]

pois uma necessidade a tudo obriga. (Vão-se.)

### **ACTO 3.º**

**ZAIDE e PALMIRA.**

**PALMIRA:** Espera, qual é esse sacrifício?

Que sangue quer o céu que se derrame?

Ah, não me deixes, Zaide...

**ZAIDE:** Um deus me chama,  
meu braço e coração servi-lo devem.  
Um horroroso voto, neste instante,  
me há-de atar com o vínculo mais forte.  
Vou jurar de morrer pela lei santa,  
será teu o segundo juramento.

**PALMIRA:** E por que causas assistir não posso?  
Seria junto a ti menor meu susto.  
O mesmo Omar, em vez de consolar-me,  
fala em traições e em sangue derramado.  
No furor do senado, e de Zopiro,  
ardem os ódios, cedo expira a trégua.  
Estão prontos os ferros e as feridas.  
Dize o profeta que enganar não sabe,  
e eu só por tua causa o traidor temo.

**ZAIDE:** Tão pérfido julgar posso a Zopiro?  
Esta manhã, diante dos seus olhos,  
me admirei da nobreza e da doçura.  
Não sei que força oculta no meu peito [14]  
minha alma em seu favor arrebatava;  
fosse respeito ou fosse que o seu rosto  
encobria o veneno da maldade,  
ou que a minha alma, no feliz momento,  
entregue à doce glória de encontrar-te,  
se esquecesse das penas e dos sustos,  
achava-me feliz junto a Zopiro.  
Quanto mais me enganou, mais o aborreço.  
Mas, apesar de tudo, quanto custa

aborrecer quando se ignora a causa!

**PALMIRA:** Quanto o céu fez iguais nossos destinos,  
com que cuidado uniu as nossas almas,  
pois o amor que te tenho, o terno laço,  
aquele instinto oculto que nos prende,  
e a religião, me obrigam que não ouça  
n'alma os remorsos de acusar Zopiro.

**ZAIDE:** Deixa remorsos vãos, obedeçamos.

À voz do grande deus a quem servimos  
eu vou dar o horroroso juramento.

O deus que me ouve nos será propício,  
e o pontífice rei que nos governa  
abençoará nossos amores castos.

Adeus, só por ser teu me atrevo a tudo. (Vai-se.)

**PALMIRA:** Pressago coração, não me atormentes.

O amor em quem eu pus minha esperança...

Cheio de horror, um suspirado dia...

Que juramento é este que se espera?

Tudo temo, horroriza-me Zopiro. [14v]

Caro Mafoma... e santo no meu peito,  
pronunciando o seu nome, um medo, um susto;  
infunde-me um respeito que me assombra,  
quase o temo também como a Zopiro.

Livrai-me grande Deus desta tormenta,  
cheia de susto e de horror vos sigo;  
dignai-vos de enxugar meu triste pranto.

**Sai MAFOMA.**

**PALMIRA:** O céu em meu socorro vos envia!

Zaide, Zaide, senhor?

**MAFOMA:** De que te assustas?

**PALMIRA:** Oh, céus! Vós aumentais o meu tormento!

Que prodígio, senhor, vós assustado!

Pela primeira vez, temer vos vejo.

**MAFOMA:** Ao menos eu devia perturbar-me.

Tu és tão inocente que aos meus olhos

mostras a chama que talvez me ofende;

sem ter horror, teu peito encobre e nutre

inclinação que não ditasse eu mesmo.

Formei uma alma que saiu rebelde.

A luz! Ao benefício, infiel e ingrata!

**PALMIRA:** Senhor, aos vossos pés, medrosa e aflita,

ponho no chão os olhos assombrados,

pois vós, neste lugar, não consentistes

que amor os nossos corações prendesse?!

O doce, o casto nó que nos enlaça

é mais uma paixão que a vós nos une.

**MAFOMA:** Teme um nó que formou tua inocência. [15]

Os passos da inocência segue o crime;

as doçuras de amor custar-te podem,

Palmira, muitas lágrimas e sangue.

**PALMIRA:** Eu por ele darei todo o meu sangue.

**MAFOMA:** Tanto lhe queres?

**PALMIRA:** Desde quando Ercida

ambos nos entregou ao vosso jugo.

Um instinto fatal, que eu mesma ignoro,

obra oculta do céu que tudo rege,

primeiro que a razão, cresceu com a idade...

Dizeis que a inclinação lá nos céus nasce?

Deus não pode mudar, pois Deus pode hoje

reprovar um amor que ontem aprovava?

O que inocência foi pode ser culpa?

A culpada eu serei!

**MAFOMA:** Treme, Palmira.

Eu devo revelar segredos grandes.

Tu espera que eu possa declarar-te

o que aprovar ou reprovar tu deves.

Descansa em mim.

**PALMIRA:** E em quem descansar posso?!

Aos vossos pés, da vossa luz escrava,

encho-me de humildade e de respeito.

**MAFOMA:** Esse respeito, às vezes, faz ingratos.

**PALMIRA:** Não, se cuja mais de vós perco a lembrança,

Zaide me seja ingrato e me castigue.

**MAFOMA:** Quem? Zaide?!

**PALMIRA:** Aos vossos olhos... Vós, irado! [15v]

**MAFOMA:** Sossega, não te ofendem minhas iras.

Basta de examinar teus sentimentos.

Descansa sobre mim os teus cuidados.

Mereço, ao menos, que mos não encubras.

Da obediência depende o teu destino.

Se tu me deves a fortuna e vida,

merece este favor que te preparo.

Para tudo que o céu a Zaide ordene,

lembra-lhe o seu dever, guia seus passos

mores até cumprindo o juramento.

**PALMIRA:** Não duvides, senhor, há-de cumpri-lo,  
porque eu, como por mim, fico por Zaide.  
Ele, mais que a mim mesma, vos adora.  
Se o rei, se o defensor, se o pai vos chama,  
pelo amor que lhe tenho, vo-lo juro  
eu vou a obedecer-vos e animá-lo. (Vai-se.)

**MAFOMA:** Eu sou, a meu pesar, seu confidente.  
A sua candidez, entre furores,  
com bárbaro punhal, me passa o peito.  
Pais e filhos nascidos por meu dano,  
funesta geração, sempre inimiga.  
Quanto podem em mim o amor e o ódio!  
Neste horroroso dia mato todos.

### **Sai OMAR.**

**OMAR:** Chegou o tempo de gozar Palmira,  
de tomar Meca, de castigar Zopiro.  
A sua morte abate os outros todos. [16]  
Vê se não te adiantas, que te perdes.  
Ele fala a Zopiro, e este o atende.  
Esse caminho, oculto, que divisas,  
vai ao lugar onde de noite queima,  
entre votos quiméricos, Zopiro.  
Ao fantástico deus, frívolo incenso;  
Zaide bem pode ali, cego de zelo,  
sacrificá-lo ao deus que por ti fala.

**MAFOMA:** Sacrifique-o. Nasceu e foi gerado  
para instrumento e vítima do crime.

Assim o ordena a luz, o amor e o ódio,  
sua fatalidade assim ordena.

Mas achas tu que a sua pouca idade  
bebeu todo o furor do fanatismo?

**OMAR:** Era o mais próprio para os teus desígnios,  
até Palmira o incita a obedecer-te.

O amor, o fanatismo, a idade o cegam,  
terá valor a força da fraqueza.

**MAFOMA:** Fizeste que jurasse o parricídio?

**OMAR:** O santo tenebroso horror do templo  
ò altar o juramento o tem atado.

Eu pus nas suas mãos o sagrado ferro,  
e o seu furor a religião lhe inspira.

### **Sai ZAIDE.**

**MAFOMA:** Filho de um deus que ao coração te fala,  
ouve da minha boca os seus preceitos.

Desagrava o teu deus, vinga o seu culto. [16v]

**ZAIDE:** Rei, profeta, pontífice que adoro,  
senhor dos povos, pelo céu mandado,  
um poder sem limite em mim tendes.

Porém, alumias minha ignorância,  
«Desagravar um deus»?

**MAFOMA:** Sim, por mãos fracas  
quer confundir dos homens a soberba.

**ZAIDE:** Ah, sem dúvida, o deus que por vós fala,  
com um combate ilustre, honrar-me intenta.

**MAFOMA:** Faze o que ele te manda, e não ponderes;

vai cego executar dos seus decretos:

fere, que te arma as mãos o anjo da morte,  
pelo deus dos exércitos mandado.

**ZAIDE:** Quem é esse tirano que me espera?

Que sangue derramar deve o meu braço?

**MAFOMA:** O sangue de um traidor, que eu aborreço,  
perseguidor, que contra o céu combate,  
que a meu filho no campo deu a morte,  
o mais cruel dos nossos inimigos,  
Zopiro.

**ZAIDE:** E a minha mão...

**MAFOMA:** Ah, temerário,  
sacrílego serás, se deliberas!

Longe de mim os homens animosos,  
que o que o céu manda examinar se atrevem,  
quem reflecte, quem pensa, não me serve.

Tu devias calar e obedecer-me! [17]

Sabes tu quem eu sou? E em que cidade  
a vontade do céu? Te digo agora,  
apesar do teu erro e idolatria.

Meca é pátria dos povos do Oriente.

Se este templo por deus me é prometido,  
se pontífice e rei, deus me tem feito,  
sabes porque é sagrada esta cidade?

Nasceu nela Ibraim, nela repousa

Ibraim, cujo braço obediente,  
levando o filho único aos altares,  
as vozes sufocou da natureza.

E quando o mesmo deus vingar-se intenta,

quando eu te peço um sangue ao céu devido,  
quando te escolhe um deus, tu deliberas?!

Vai idólatra vil, outro rei busca,  
indigno muçulmano, eu te detesto!

Tinha pronta Palmira para o prémio,  
mas o céu e Palmira tu desprezas.

Fraco instrumento da vingança eterna,  
voltar-se-ão contra ti os mesmos raios.

Foge, vai ser escravo do inimigo.

**ZAIDE:** Eu ouço um deus que fala, eu te obedeco.

**MAFOMA:** Fere um ímpio; coberto do seu sangue,  
sua morte te dê eterna vida!

Não o deixes, Omar, segue os seus passos,  
suas acções atentamente observa. (Vai-se e Omar fica ao bastidor.)

**ZAIDE:** Sacrificar um velho que me ampara, [17v]  
sem armas e oprimido pelos anos... (Faz pausas grandes.)

E que me importa! Uma vítima nas aras,  
cai sem defesa, e o céu recebe o sangue.

Enfim, Deus escolheu-me para a empresa,  
eu fiz o juramento, hei-de cumpri-lo.

Vinde em socorro meu vós, cujos braços  
aos tiranos da terra deram morte;

ajustai vossas chamas ao meu zelo;  
segurai minha mão santa e homicida.

Anjo exterminador, vem anjo de ira,  
derrama o teu furor dentro em meu peito!

Que vejo?!

**Sai ZUPIRO.**

**ZOPIRO:** Tu perturbas-te aos meus olhos?  
Sossega um pouco, e ouve os meus intentos.  
Mancebo sem ventura... Não, não sofro  
que hoje tu fiques entre os inimigos.  
A trégua suspende o horror e a morte,  
mas pode transbordar esta corrente.  
A pesar de mim mesmo, eu te confesso  
que chega a horrorizar-me o teu perigo.  
Consente nestes públicos horrores,  
que te sirva de asilo o meu palácio.  
São-me mui precisos os teus dias,  
não recuses.

**ZAIDE:** Oh, deuses! Oh, Zopiro!  
E sois vós quem não tem outro cuidado [18]  
mais que amparar-me e defender-me a vida!  
Pronto a espalhar seu sangue à sua vista...  
Perdoa, Mafoma, eu me entorneço.

**ZOPIRO:** Da minha compaixão talvez te admires,  
mas, enfim, eu sou homem, basta sê-lo  
para que me entorneçam nos seus males  
corações desgraçados e inocentes.  
Deuses, que adoro, exterminai da terra  
quem dos homens com gosto espalha o sangue.

**ZAIDE:** Que modo de falar! És inimigo  
do meu deus e conheces a virtude?

**ZOPIRO:** Pouco a conheces tu. Pois que te admiras?  
Filho, a que erro te entregas aos teus olhos?  
Das lições de um tirano alucinado,

fora da toca, luz, tudo são crimes.

Ao jugo infame mente dócil.

Me aborrecias já, sem conhecer-me.

Na rede de funestos prejuízos,

vive o teu coração envolto e preso.

Perdoo ao teu engano, porém, filho,

podes crer em um deus que manda o ódio?

**ZAIDE:** Ah, eu bem vejo que desobedeço!

Não, senhor, eu não posso aborrecer-vos.

**ZOPIRO:** (Aparte) Cada vez, ai de mim, mais me enternoço!

A candidez e idade me surpreendem.

Como pode isto ser? À força, o escravo

de um monstro o meio achou de enternecer-me. [18v]

Dize-me quem és tu. De quem nasceste?

**ZAIDE:** Eu não conheço pai, um senhor tenho,

a quem sempre servi, e a quem agora

talvez já sou traidor, depois de ouvir-vos.

**ZOPIRO:** Pois tu não sabes quem te deu a vida?

**ZAIDE:** Foi meu berço o seu campo, a minha pátria,

o templo, outra não tenho. Entre os meninos,

que a meu senhor se oferecem por tributo,

ninguém tanto como eu o achou clemente.

**ZOPIRO:** Não te culpo de ser agradecido,

os benefícios têm direito n'alma.

Que benfeitor, oh, deuses, lhe escolheste!

E serviu-te de pai, como a Palmira.

Tu encheste de horror e tu suspiras.

Voltas a mim os olhos assombrados.

Algum grande remorso te perturba...

**ZAIDE:** Quem deixará de os ter em um tal dia?!

**ZOPIRO:** Se tu os sentes, já não és culpado.

Vem, que eu quero salvar a tua vida.

**ZAIDE:** (Aparte) Eu sou quem deve derramar seu sangue!

Oh, horror! Oh, Palmira! Oh, juramento!

**ZOPIRO:** Pela última vez, salva-te e vive,  
põe-te nas minhas mãos, treme se esperas.

**Sai OMAR apressadamente.**

**OMAR:** Traidor, que fazes? Chama-te o profeta!

**ZAIDE:** Aonde estou? Oh, céus! Eu não resolvo.

De ambas as partes cair vejo o raio. [19]

Aonde irei neste cruel instante?

Aonde?

**OMAR:** Aos pés do rei que o céu envia.

**ZAIRE:** Sim, eu vou abjurar o horrível voto. (Vai-se, e Omar.)

**ZOPIRO:** Zaide, Zaide, onde vás? Ele me foge,

Cheio de susto e horror, desesperado.

Todo o meu coração leva consigo.

O seu pálido aspecto, os seus remorsos,

meu peito compassivo, despedaçam.

Seguirei os seus passos.

**Sai FANOR.**

**FANOR:** Esta carta

me deu agora um árabe em segredo.

**ZOPIRO:** Que leio?! Ercida... Oh, céus! Vossa piedade

compensa, sucinta, anos de trabalhos;  
quer-me falar Ercida, cujo braço  
roubou meus filhos do materno seio.  
Mafoma, em seu poder, os tem cativos.  
De Zaide e de Palmira os pais se ignoram...  
Filhos, terna esperança, não me enganes;  
sou muito desgraçado e nada espero,  
pressago coração, não, não te creio.  
Filhos, meu sangue, oh, pranto de alegria...  
O que eu sinto não cabe no meu peito.  
Eu corro e espero de abraçar meus filhos;  
Paro, duvidoso, e a minha dor medrosa  
escuta atentamente a voz do sangue. [19v]  
No escuro horror, venha a falar-me Ercida,  
debaixo desta abóbada, em segredo,  
junto ao sagrado altar, onde eu fatigo  
os deuses, que começam a abrandar-se.  
Céus, tornai-me os meus filhos! Um tirano  
corrompeu os seus peitos generosos;  
se sou tão infeliz, que os meus não sejam,  
quero adoptá-los e de pai servir-lhes. (Vai-se, e Fanor.)

## **Acto 4.º**

### **MAFOMA e OMAR.**

**OMAR:** Descobriu-se o segredo: a tua glória  
periga, e temo aberta a sepultura.  
Zaide obedecera, mas o seu peito,  
antes que os teus furores o animassem,

foi revelar este mistério horrível.

**MAFOMA:** Oh, céu!

**OMAR:** Ercida o ama como a filho.

**MAFOMA:** Que diz Ercida?

**OMAR:** Mostra-se assustado.

Parece ter piedade de Zopiro.

**MAFOMA:** Ele é fraco e traidor. Será bem cedo que trema, já que o meu segredo sabe, não servem testemunhas perigosas.

Sou eu obedecido?

**OMAR:** Em mim descansa. [20]

**MAFOMA:** Preparemos o mais: dentro de uma hora, Zopiro morra, ou vamos ao suplício.

Se ele morre, isto basta; o povo, atónito, há-de adorar um deus que me defende.

É o primeiro passo. Porém, tanto que Zaide houver manchado as mãos no sangue, seguras-me de dar a Zaide a morte, ficas pelo veneno preparado.

**OMAR:** Não duvides.

**MAFOMA:** Convém que os meus mistérios, com as sombras da morte, se sepultem.

Mas, pois, que eu mando traspassar o peito desse que deu alentos a Palmira, dobreemos a ignorância em que ela vive, couraçamos mais seu nascimento, por mim, pelo seu bem, por ela mesma.

Sobre o erro se fundam meus triunfos.

Que importa que ela venha deste sangue,

um homem não tem pais, quando o ignora.  
Esta força de sangue que em nós fala  
não é mais que um costume da natureza.  
Palmira costumou-se a obedecer-me,  
eu lhe servi de pai, venha aos meus braços,  
sobre as cinzas dos seus que não conhece.  
Talvez seu coração ambicioso  
se há-de ensoberbecer de cativar-me...  
Mas vão chegando as horas em que o filho [20v]  
imolar-me seu pai deve ante os deuses.  
Retira-te daqui.  
**OMAR:** Vem pensativo,  
devorado do ardor de obedecer-te. (Retira-se a um lado.)

**Sai ZAIDE pelo fundo.**

**ZAIDE:** Que obrigação terrível cumprir devo!  
**MAFOMA:** Coroemos a acção com outros golpes. (Vai-se, e Omar.)  
**ZAIDE:** Tudo o que diz Mafoma é sem resposta,  
uma palavra sua me confunde.  
Mas bem que ele de tanto horror me encheu,  
eu não fiquei de todo persuadido.  
Eu hei-de obedecer, pois que o céu o manda.  
Mas que obediência! Oh, céus, e quanto custa!

**Sai PALMIRA.**

**ZAIDE:** Palmira, que me queres? Tu não sabes  
que este lugar é consagrado à morte?

**PALMIRA:** Zaide, o meu susto e o meu amor me guiam.

Tua homicida mão leva o meu pranto.

Que sacrifício horrível se oferece!

Enfim, tu vás obedecer aos deuses.

**ZAIDE:** Rainha, a quem adoram os meus sentidos,

fala, dirige os meus cruéis furores,

rege o meu coração, guia o meu braço,

serve-me tu de um deus que eu não entendo.

O céu me escolhe... E é intérprete terrível

de irrevogável luz este profeta.

**PALMIRA:** Não examines, ele vê teu peito, [21]

ouve os suspiros meus, ouve o meu pranto,

cada um teme nele a divindade.

O que eu sei é que a dúvida é blasfema.

E o deus que, tão soberbo, ele anuncia,

pois que o faz vencedor e verdadeiro.

**ZAIDE:** É verdadeiro, pois Palmira o adora.

Mas ainda o meu discurso não alcança

de que sorte um deus bom, pai dos humanos,

para uma morte reservou meu braço.

Eu sei que as minhas dúvidas são crimes:

qual a vítima às mãos do sacerdote

foi condenada pelo céu? Zopiro;

e eu a vingar a luz fui destinado.

Bem se explicou Mafoma: eu, firme e mudo,

vaidoso de servir a ira celeste,

ao inimigo seu ia dar a morte.

Outro deus suspendeu este meu braço.

Ao menos, eu, à vista de Zopiro,

sinto menos o império do profeta.  
Debalde, o meu dever me chama à morte.  
Falou-me ao coração a humanidade.  
Mas com que ira acusou, com que ternura,  
Mafoma a minha tímida fraqueza;  
com que soberba, com que atrocidade,  
endureceu o meu sensível peito.  
Quanto a religião é poderosa,  
renasceu o furor dentro em minha alma. [21v]  
Mas eu sou terno, assombra-me o homicídio,  
e passo dos furores à piedade,  
confusos sentimentos me atropelam,  
temo de ser sacrílego ou tirano.  
Palmira, eu não nasci para assassino.  
Mas, enfim, eu jurei, e o céu o manda.  
Estas lágrimas são de mágoa e de ira.  
Tu me vês soçobrado na tormenta,  
em mil contrariedades flutuando.  
Quero, não quero, e resolver não posso,  
só tu podes fixar os meus furores,  
e unir-nos com os vínculos mais fortes.  
Mas sem o sacrifício que se espera,  
para sempre se quebram os nossos laços;  
a este preço alcançarei Palmira.

**PALMIRA:** Eu sou preço do sangue de Zopiro?

**ZAIDE:** O céu o manda e assim Mafoma ordena.

**PALMIRA:** E serve o amor a tantas crueldades?

**ZAIDE:** Tu desta morte deves ser o prémio.

**PALMIRA:** Que horrível dote!

**ZAIDE:** Mas se o céu o ordena,  
se à religião, se ao meu amor eu sirvo...

**PALMIRA:** Ai de mim!

**ZAIDE:** Sabes que se amaldiçoa  
quem foi uma só vez desobediente?

**PALMIRA:** Se o céu nas tuas mãos põe a vingança,  
se pede um sangue que lhe prometeste... [22]

**ZAIDE:** E por ser teu, que devo obrar?

**PALMIRA:** Eu tremo.

**ZAIDE:** O decreto saiu da tua boca.

**PALMIRA:** Da minha?

**ZAIDE:** Sim, da tua.

**PALMIRA:** E que decreto  
que te disse eu?

**ZAIDE:** O céu, por tua boca,  
deu a ordem fatal, eu vou cumpri-la.  
Junto ao funesto altar, Zopiro agora  
socorro implora aos deuses que eu detesto.  
Ausenta-te, Palmira.

**PALMIRA:** Não te deixo.

**ZAIDE:** Não vejas este horrível atentado,  
este instante é de horror. Foge òs lugares,  
não ficam longe, que o profeta habita.  
Que esperas?

**PALMIRA:** Vai morrer um triste velho...

**ZAIDE:** Assim o sacrifício está disposto:  
pelo pó arrastar Zopiro eu devo;  
três vezes, c'ò punhal passar-lhe o peito;  
e arrumar este altar sobre o seu sangue.

**PALMIRA:** Zopiro... As tuas mãos... Gelo de susto!  
Mas ele chega! Oh, céus!

**Sai ZUPIRO junto ao altar.**

**ZUPIRO:** Deuses da pátria,  
pela última vez, minha voz fraca [22v]  
vos implora em socorro de vós mesmos.  
Em breve tempo, a sanguinosa guerra  
de uma paz mal segura os laços rompe,  
se vos pondes da parte do tirano...

**ZAUDE:** Ouves como blasfema?

**ZUPIRO:** Dai-me a morte;  
porém, dai-me nos braços de meus filhos,  
e que eles fechem meus cansados olhos.  
Ah, se o meu coração me não engana...  
Se vós fazeis que torne a ver meus filhos...

**PALMIRA:** (Aplicando o ouvido) Em seus filhos falou.

**ZUPIRO:** Deuses que adoro  
de gosto de abraçá-los morreria.  
Árbitro dos destinos defendei-os.  
Pensem como eu, mas sejam mais felizes. (Retira-se.)

**ZAUDE:** É tempo de ferir.

**PALMIRA:** Oh, céus, que fazes?!

**ZAUDE:** Eu vou servir aos céus e merecer-te.  
Este punhal a deus foi consagrado,  
deve ao réu inimigo dar a morte.  
Vamos. E tu não vês no horror das sombras  
uma fantasma ensanguentada errante?

**PALMIRA:** E que dizes?

**ZAIDE:** Eu vos sigo, Anjo da morte!

Vamos!

**PALMIRA:** Ah, não, espera. Eu me horrorizo...

Zaide! [23]

**ZAIDE:** Já não é tempo, a terra treme.

**PALMIRA:** É um sinal do céu, não o duvides.

**ZAIDE:** Para apressar ou impedir o golpe?

Eu ouço a voz de deus pelo profeta,  
que esta fraqueza vil me lança em rosto.

Os teus votos, Palmira, ao céu renova.

Eu vou feri-lo. (Vai-se.)

**PALMIRA:** Oh, doloroso instante!

Que horrível voz retumba no meu peito!

Onde vem, que o meu sangue se perturba?

Se o céu quer uma morte, eu devo opor-me.

Eu obedeco... E este remorso... Oh, deuses!

Quem sabe nunca se é culpado ou justo.

Ou eu me engano, ou está dado o golpe.

De moribunda voz, chorosos ecos...

Zaide, Zaide!

**Sai ZAIDE.**

**ZAIDE:** Donde estou e quem me chama?

Quem me roubou Palmira? Eu não a vejo!

**PALMIRA:** Já não conheces quem por ti só vive?

**ZAIDE:** Aonde estamos?

**PALMIRA:** Esta luz terrível,

esta cruel promessa está cumprida?

**ZAIDE:** Que me perguntas?

**PALMIRA:** Morreu Zopiro?

**ZAIDE:** Zopiro!

**PALMIRA:** Deus de morte, deus de sangue,  
apartai de seu peito as negras fúrias. [23v]

Ah, foge! (Tomando-o pelo braço.)

**ZAIDE:** Os pés não regem o seu peso.

Eu torno a ver a luz, e as forças cobro.

Ah, és tu!

**PALMIRA:** Que fizeste?

**ZAIDE:** Obedeci-te:

desesperado, a vítima, aos altares,

pelos brancos cabelos arrastando...

Céu, e tu podes ordenar um crime?

Cheio de susto, traspassei-lhe o peito

com punhal, e manchei-me no seu sangue;

queria repetir, formou o velho

tão lamentável grito nos meus braços,

delineou no rosto moribundo

um carácter tão grande a natureza,

que de ternura e horror se encheu minha alma.

E mais que ele mortal, detesto a vida.

**PALMIRA:** Vamos ao nosso rei, que nos ampare.

Junto a este corpo estamos em perigo.

Segue-me, foge!

**ZAIDE:** Não, não posso, eu morro.

**PALMIRA:** Que funesto horror o despedaça!

**ZAIDE:** Se tu o visses, trespassado o peito

com ferro, entenece-se à minha vista,  
eu queria fugir, sua voz débil  
esforçou-se outra vez para chamar-me;  
arrancou o punhal do roto seio  
e os turvos olhos para mim voltando, [24]  
disse: «Zaide infeliz, Zaide querido».  
Seus olhos, sua voz, o agudo ferro,  
o enternecido velho ensanguentado,  
me assustam aqui mesmo e me perseguem.  
E que fizemos nós?

**PALMIRA:** Vem gente, eu tremo.

Ah, pelo nosso amor, Zaide fuja!

**ZAIDE:** Deixa-me! E por que causa o amor tirano  
quis de mim este horrendo sacrifício?

Ah, cruel! Eu, sem ser por tua causa,  
jamais aos céus obedecer podia.

**PALMIRA:** (Chorando) E que te atreves a lançar-me em rosto?  
Mais que tu, todo o horror sente meu peito,  
tem piedade da mísera Palmira.

**ZAIDE:** Mas que objecto a meus olhos se oferece?

**PALMIRA:** Esse infeliz que luta com a morte,  
envolto no seu sangue vem buscar-nos. (Partindo.)

**ZAIDE:** E tu vás...

**PALMIRA:** Devorada de remorsos,  
eu cedo à paixão que me arrebatou,  
não posso resistir à oculta força. (Vai dar a mão a Zopiro.)

**Sai ZOPIRO ferido, conduzido por PALMIRA, e desfalecido, arrimando-se aos bastidores.**

**ZOPIRO:** Guia os meus frios derradeiros passos.

Ah, Zaide, ingrato. Eu mereci-te a morte. (Senta-se.)

Tu choras? O furor cede à piedade.

**Sai Fanor.** [24v]

**FANOR:** Céus! Que horríveis objectos se apresentam!

**ZOPIRO:** Se ao menos visse Ercida... Ah, Fanor, chega!

Olha o meu assassino.

**FANOR:** Oh, crime horrendo!

Que fizestes, infeliz? Teu pai conhece.

**ZAIDE:** Quem?

**PALMIRA:** Zopiro.

**ZAIDE:** Meu pai!

**ZOPIRO:** Oh, céus!

**FANOR:** Ercida,

expirando me vê, chama-me e grita

«Vai a atalhar, se é tempo, um parricídio.

Corre, das mãos de Zaide tira o ferro.

Depositário de um segredo horrível,

por mão de um impostor, sou castigado.

Corre, apressa-te, vai, dize a Zopiro

Zaide é irmão de Palmira, e são seus filhos».

**ZAIDE:** Tu?!

**PALMIRA:** Meu irmão?!

**ZOPIRO:** Oh, natureza, oh, deuses!

Não, o meu coração não me enganava...

Um certo amor... Ah, Zaide desgraçado,

quem te fez empreender este homicídio?

**ZAIDE:** (De joelhos) A minha religião, a minha pátria,  
o que há de mais sagrado neste mundo  
me inspirou o delito mais horrendo.

Dai-me, dai-me, outra vez, o injusto ferro.

**PALMIRA:** (Lançando-se aos pés de Zopiro e desviando o braço de Zaide)

Pai e senhor, ah, cravai-o no meu peito. [25]

Eu fui, eu fui quem enfureci seu braço.

Um incesto premiava um parricídio.

**ZAIDE:** O céu não tem castigos que nos bastem  
ferinos.

**ZOPIRO:** Vinde, filhos, a meus braços. (Abraça-os.)

O céu quis misturar, entre os meus males,  
um excesso de horror e de alegria.

Graças aos céus, graças aos céus, eu morro,

mas vós viveis. Oh, vós, que eu expirando

ainda abracei. Tu, Zaide, e tu, Palmira,

por este último sangue que derramo

do roto peito, pela minha morte,

por vós, por mim, vingai-vos e vingai-me.

Porém, não vos percais, a hora é esta, (aperta-os)

que a trégua expira e ele renova a guerra.

O céu teve piedade dos meus males,

e vós não cometeste todo o crime.

Ao romper da manhã, o povo armado

contra o traidor há-de vingar meu sangue.

Esperemos.

Ah, não, apressar quero

a morte do tirano e a minha morte

castigar-me, e vingar-vos.

**Sai OMAR e soldados.**

**OMAR:** Seja preso Zaide,  
socorram todos a Zopiro. [25v]

Só a vingar as leis vem o profeta.

**ZOPIRO:** ‘Té onde chegar pode, oh, céus, o crime!

**ZAIDE:** Castigar-me Mafoma?

**PALMIRA:** Ímpio, tirano,  
e tu não lhe ordenaste esse delito?

**OMAR:** Ninguém ordenou tal.

**ZAIDE:** Ah, bem merece  
minha credulidade o horrível prémio.

**OMAR:** Conduzi-o à prisão. (Vai-se Zaide e soldados.)

**PALMIRA:** Pérfida espera.

**OMAR:** Palmira, se o amais, obedecei-me.

Mafoma empunha da vingança os raios,  
só vós suspendeis as suas iras.

Senhora, aos pés do rei convém seguir-me.

**PALMIRA:** Do meio deste horror, me tire a morte. (Vai-se, e Omar.)

**ZOPIRO:** Céus! Outra vez me roubam os meus filhos?

É menos duro o golpe que me mata.

**FANOR:** Já nasce o dia, e os povos, em tumulto,  
formam as armas para defender-te.

**ZOPIRO:** Sustenta-me, Fanor, eu ainda espero  
castigar o traidor, que me assassina,  
ou ao menos salvar da sua fúria  
dois filhos por quem deixo alegre a vida. (Vai-se nos braços de Fanor.)

## Acto 5.º

### MAFOMA, OMAR e acompanhamento. [26]

**OMAR:** (No fundo) Morreu Zopiro, os povos, em tumulto,  
já levantavam a orgulhosa frente.

Eu e os profetas que o teu deus inspira  
negamos altamente a sua morte.

Aqui ao rude povo a ponderamos,  
por castigo do céu, que te defende,  
a vingança em teu nome prometemos,  
que és cheio de justiça e piedade.

Atende o povo e rende-se ao teu nome.

E este da sedição resto importuno  
são ondas que, depois da tempestade,  
ainda quebram a fúria nos rochedos,  
quando já reina o sol no céu sereno.

**MAFOMA:** Ponhamos tudo em um silêncio eterno.

Fizeste tu avizinhar o campo?

**OMAR:** Toda a noite caminho co Osman, o guia,  
por caminhos ocultos.

**MAFOMA:** E é preciso  
combater sempre ou enganar os homens,  
e Zaide ainda não sabe que, furioso,  
rasgou o peito que lhe deu a vida.

**OMAR:** E quem lhe há-de dizer? O eterno sono  
Sepultou com Ercida este segredo,  
pois a morte de Zaide já começa,  
e destrói o instrumento da vingança.

Sabes que em mãos mortal veneno [26v]

Recebeu, o castigo antes do crime:

quando arrastou a vítima aos altares,  
quando ao seu velho pai a morte dava,  
já levava em si mesmo a sua morte.

Ele está na prisão e cedo espira.

Palmira está de guarda rodeada,  
ela há-de servir aos teus desígnios,  
e obedecer-te por salvar o amante.

Fiz que de ti o seu perdão espero,  
mas ela guarda um tímido silêncio,  
no dócil coração que te idolatra.

Nem lá consigo a murmurar se atreve.

Legislador, profeta e rei, na pátria  
serás feliz de todo com Palmira.

Desanimada a trazem aos teus olhos.

**MAFOMA:** Vai, chama os generais, e outra vez torna. (Vai-se Omar.)

**Sai PALMIRA conduzida por soldados.**

**PALMIRA:** (Admirada) Onde estou?

**MAFOMA:** Não te assustes, já do povo  
ponderei o destino, e o teu destino.

Este grande sucesso que te assombra  
é mister só entre deus e o seu profeta.

De teus indignos ferros desatada,  
ficas neste lugar vingada e livre.

Mas não chores por Zaide, ao meu cuidado  
fica pesar a sorte dos humanos. [27]

Cuida na tua. Se eu te amei, se acaso  
vi com olhos de pai teus infortúnios,  
sabe que sorte e título mais nobre,  
se o mereces, talvez se te prepara.  
Atreve-te a aspirar a maior glória,  
perde, perde as lembranças do passado;  
tu deves esquecer-te do teu Zaide,  
à vista das grandezas que te esperam.  
E, agradecida aos benefícios, deves  
seguir as leis de quem dá leis ao mundo.

**PALMIRA:** (Com desesperação) Que oiço? Que leis? Oh, céus! Que benefícios?

Impostor, tinto em sangue, a quem detesto.  
Assassino dos meus, a última afronta  
faltava à minha mágoa! E as tuas iras,  
oh, céus, que horrores! Vejam o profeta,  
vejam o rei, e o deus que eu adorava!  
Oh, monstro, cuja pérfida maldade  
fez de um peito inocente um parricida!  
Infame sedutor da mocidade,  
banhado no meu sangue me pretendes!  
‘Inda não tens segura esta conquista,  
rasgou-se o véu, prepare-se a vingança:  
ouves estes clamores, estes gritos,  
persegue-te meu pai da sepultura;  
há-de em minha vingança armado o povo  
roubar ao teu furor minha inocência,  
possa com estas mãos rasgar-te o peito, [27v]  
ver morrer e nadar dos teus no sangue,

e possam castigar Medina e Ásia.  
Ah, possa envergonhar-se o cego mundo  
dos teus ferros quebrados, e vingar-se.  
A tua lei fundada na impostura  
seja eterno ludíbrico dos vindouros.  
Aquele inferno com que ameaçavas  
quem desprezava tuas leis indignas,  
e esse reino de dor e eterno pranto  
só para o teu castigo se prepara.  
Estes são os favores que te devo;  
estes, os meus desejos e meus votos!  
**MAFOMA:** Alguém me foi traidor. De qualquer modo,  
e quem quer que tu sejas, obedece!  
Sabe que um peito...

### **Sai OMAR.**

**OMAR:** Descobriu-se tudo,  
Ercida revelou o teu segredo.  
Foram as portas da prisão forçadas,  
todos pegam nas armas com tumulto,  
com altos gritos, trazem pelas ruas  
o corpo ensanguentado de Zopiro.  
Zaide os governa e, com funesto pranto,  
clama que vinguem o infeliz cadáver;  
chama-te, em altas vozes, parricida,  
a desesperação e a dor o animam,  
e não respira mais do que vinganças. [28]  
O miserável corpo, tinto em sangue,

é o sinal horrível do combate.

Detestam o teu deus e os teus profetas,  
os mesmos que deviam nos teus muros,  
introduzir de noite a tua gente.

De zeloso furor arrebatados,  
os ímpios braços contra ti levantam.

Não se ouve mais do que vingança e morte.

**PALMIRA:** Defendeis justos deuses? A inocência  
feri.

**MAFOMA:** E tu, que temes?

**OMAR:** Vês os poucos  
que firmes, como eu, contra os perigos,  
resistindo debalde à tempestade,  
vêm buscar aos teus pés a honra da morte.

**MAFOMA:** Eu os defenderei. Chegai vós todos  
e conhecei, enfim, o rei que tendes.

**Saem de uma parte soldados de MAFOMA, e da outra, ZAIDE, soldados  
e povo.**

**ZAIDE:** Povos, vingai a morte de Zopiro.

**MAFOMA:** Povos, ouvi as vozes de um profeta.

**ZAIDE:** Não lhe deis atenção, segui-me... Oh, deuses!

Que negra nuvem os meus olhos cerca!

Céus! Eu morro.

**MAFOMA:** Eu triunfo!

**PALMIRA:** Irmão! Ah, Zaide! [28v]

Se o sangue de um pai verter soubeste...

**ZAIDE:** Eu vou... Que oculta mão, oh, céus, me oprime!

**MAFOMA:** Assim devem tremer os temerários,  
espíritos incrédulos e duros,  
que ‘inda vos atreveis a blasfemar-me.  
Este braço que o mundo o teme pode,  
agora mesmo, dar-vos o castigo.  
O deus que desta mão fia os seus raios,  
se eu me quiser vingar, vos torna em cinzas.  
Conhecei uma vez o seu profeta,  
seja juiz o céu, e de nós ambos,  
neste instante, o culpado caia e espire.

**PALMIRA:** Tanto império tem neles este monstro,  
cheios de susto à sua vista tremem,  
Mafoma, como um deus, as leis lhe dita!  
Zaide!

**ZAIDE:** O céu justo a teu irmão castiga.  
De um crime involuntário quanto horrendo  
treme, infeliz; se assim castiga o engano,  
vê que receios o céu reserva ao crime!  
Treme, o braço do deus em mim se insurja.  
Céus... livrai-a... e vos baste o meu castigo. (Cai morto.)

**PALMIRA:** Povos, não foi dos céus, não foi castigo.  
O veneno...

**MAFOMA:** Aprendei desse insolente  
a urdir calúnias e formar-me crimes.  
Conhecei que meus direitos o céu castiga. [29]  
A natureza cede ao meu império,  
a fria mão da morte me obedece.  
Lede a vingança nesse rosto escrita.  
Eu vejo a morte que somente espera

o meu aceno para destruir-vos.

Sentirão meus furores meus contrários,  
assim castigarei quem for rebelde.

Eu vejo os corações e os pensamentos.

Ingratos, se gozais da luz do dia,  
dai graças ao profeta, que o consente.

Ide ao templo abrandar as minhas iras.

**PALMIRA:** Esperai, oh, crede... Deu-lhe veneno.

(A Mafoma) Oh, monstro, a sua morte o justifica,  
teus crimes, teu furor, deus, te fizeram  
destruidor de uma família inteira.

Tira-me o resto da cansada vida.

(A Zaide) Oh, de horroroso amor infausto objecto.

Eu te acompanho. (Fere-se com um punhal.)

**MAFOMA:** Suspendei-a.

**PALMIRA:** Eu morro.

E não te verei mais, oh, monstro horrendo!

Mas espero que guarde um deus mais justo  
algum descanso aos peitos inocentes.

Tu reina, o mundo é só para tiranos. (Cai morta.)

**MAFOMA:** Roubam-me, oh, céus, oh, vítima adorada!

Perdi o único preço dos meus crimes,

inimigo dos teus mimosos anos,

sou vencedor e fico castigado! [29v]

E há remorsos no mundo? Oh, céus, que horrores,  
trago dentro em mim mesmo o meu castigo.

Deus de quem eu me servi para as maldades,

instrumento adorável de meus crimes,

a quem eu blasfemei, mas a quem temo,

a terra me adorou, tu me condenas.  
Em vão, insulto os raios que me ferem,  
pude enganar os mais, e a mim não posso.  
Desgraçada família, a quem dei morte,  
vingai-vos e vingai os céus que ofendo;  
arrancai de meu peito, envolto em fúrias,  
uma alma que se nutre de ódio e de ira.  
Que vergonha! Que horror! Amigo, encobre  
esta fraqueza e salva a minha glória.  
Adore em mim um deus o cego mundo,  
de outra sorte arruinou-se o meu império.

FIM